



LEMBRANDO VAN GOGH E PAUL CELAN

No arquipélago da aurora,
No abdômen das estrelas,
Cabeleiras pedalando
As clavículas do tempo,

E o travesseiro das nuvens
Com seus cabelos de vento,
No ar da tumba se asfixiava
O estampido do teu ser.

Se a ele faltava até o céu
Que jamais no além luziu,
Enquanto no chão seus pés
Plantavam a luz do dia,

O mais é agora, às avessas,
Na escuridão se abrindo,
O sol que em seu ser já brilha
Com olhos de paraíso.

Como ouvido visual
Do verbo na escuridão,
A coabitar sem fala
Com a língua do universo,

Agora ele é sono e flor:
Nenhuma palavra a mais,
Para se fazer num fim
Maior que o nosso alfabeto.

Se a polca dos ursos, Celan,
E o negro leite primevo
Ofertam também o pão
Para a boca do meu verbo,

Nenhuma fuga é possível
À orelha que não cortei,
Como vagina de um Deus
Na amputação da minha alma.

TATUAGENS

Se a tua pele
Falta-me ao corpo
Com que te sonho
Vivo num morto,

Se no pó ao fundo
Já sei da tua alma,
Debaixo enfim
Do seu túmulo,

Ninguém conhece
Teu eterno fruto
Nesse vocábulo
A ser futuro:

Em minha boca
O que é de Deus
Se faz anônimo
Na eternidade.

Humano verbo
De concluso ar,
No fim subisse
O que tem alma,

Para sem boca
Pronunciar-se,
Embora mudo,
Na altura máxima.

CHUMBOS E RUGAS

Matéria pronta,
Posta na mesa,
Para o alimento
De outra existência,

Sou quem se mata
Com tanta fome
Insaciada,
Para viver

Na ignorância
Do que é palavra,
Como uma plástica
Feita por dentro.

As rugas pregam
E o chumbo tampa
A solidão
De duas línguas.

Eternas lepras
Do desespero,
Crescem na boca
E na vagina,

Para outro verbo
Pronunciado
Como quem fala
Depois do fim.

Desde os menores
De íntimos pêlos,
Sobre a garganta,
Pela cabeça,

Eu os temo e falo,
A esses caminhos
Sem mãos e pés,
Para o maior

E eterno fim
Do desespero:
– *Chegar à morte*
Não vale um Deus.

Sem as palavras
Não atingirei
A consciência
Do moribundo

Que vive em mim,
Respirando o ar
De dois pulmões
Na minha boca.

Adunco lúpus
No maxilar
Da minha fome
Inexaurível,

Na aberta cova
Da minha boca,
Nenhuma fala
Em dente novo,

Ou obturado
Já podre em mim,
Será capaz
Da eternidade,

Verbo distante
E inexistente
Do meu futuro
Inabitável.

Perene safra
Colhida em outra,
Que depois se abra
Sem qualquer boca,

Minhas palavras,
Maçãs sem pele,
São mudos ossos
Num balde d'água.

